



## **Eurobarómetro Standard 80**

**OPINIÃO PÚBLICA NA UNIÃO EUROPEIA  
Outono 2013**

**RELATÓRIO  
NACIONAL**

**PORTUGAL**

Esta sondagem foi encomendada e coordenada pela Comissão Europeia, Direcção-Geral da Comunicação

Este relatório foi produzido para a Representação da Comissão Europeia em Portugal.

Este documento não reflecte as opiniões da Comissão Europeia.  
As interpretações ou opiniões expressas neste relatório são apenas dos seus autores.

**Eurobarómetro Standard 80 / Outono 2013 – TNS Opinion & Social**

## Índice

<b>1. Introdução .....</b>	<b>2</b>
<b>2. Os portugueses e a integração europeia.....</b>	<b>3</b>
<b>3. Portugal: o atual clima da opinião pública .....</b>	<b>7</b>
<b>4. Conclusão.....</b>	<b>11</b>

*Este Relatório Nacional do Eurobarómetro 80 foi elaborado para a Representação da Comissão Europeia em Portugal por uma equipa composta por Carlos Jalali (U. Aveiro), Marina Costa Lobo (Instituto de Ciências Sociais – U. Lisboa), José Santana Pereira (Instituto de Ciências Sociais – U. Lisboa) e Patrícia Silva (U. Aveiro). O texto do relatório foi elaborado de acordo com as normas do novo acordo ortográfico.*

## **1. Introdução**

O Eurobarómetro 80 foi realizado no outono de 2013, dando continuidade à análise regular da opinião pública europeia. Este relatório nacional examina os dados relativos a Portugal em comparação com os demais Estados-membros da União Europeia (UE), focando duas dimensões de análise: primeiro, as opiniões dos portugueses sobre o processo de integração europeia; e, segundo, a avaliação que os portugueses fazem do atual contexto económico e político, tanto em termos individuais como coletivos. A opinião pública nacional sobre estes temas foi aprofundada, sempre que se considerou relevante, através do recurso a análises longitudinais (comparando os resultados atuais com os de inquéritos anteriores) e à desagregação dos perfis sócio-demográficos dos inquiridos.

Em Portugal, o trabalho de campo deste Eurobarómetro foi realizado entre os dias 2 e 17 de novembro de 2013, tendo tido início pouco mais de um mês após as eleições autárquicas de 29 de setembro de 2013. Estas foram as primeiras eleições de âmbito nacional desde junho de 2011, sendo assim o primeiro momento eleitoral após dois anos e meio da entrada em funcionamento do Programa de Ajustamento Económico e Financeiro (PAEF) iniciado em maio de 2011. As eleições de setembro de 2013 caracterizaram-se pela mais elevada taxa de abstenção oficial de sempre em eleições autárquicas, que se situou mais de 10 pontos percentuais acima da abstenção oficial média nas dez autárquicas anteriores (47,4 por cento, contra uma média de 36,5 por cento nas autárquicas do período 1976-2009). Nestas eleições, a percentagem de votos nos três partidos que subscreveram o Memorando de Entendimento diminuiu 7,3 pontos percentuais em comparação com as eleições legislativas de 2011, sendo os dois partidos que, em coligação, formam o XIX Governo Constitucional (Partido Social Democrata e CDS – Partido Popular), aqueles que foram mais fortemente penalizados. Contudo, esta diminuição não foi acompanhada por uma subida concomitante na votação dos partidos com representação parlamentar que se opuseram a este Memorando, já que a percentagem de voto nos mesmos foi meio ponto percentual mais baixa do que nas legislativas de 2011. De facto, a diferença é explicada pelo voto nas listas de grupos de cidadãos eleitores apartidários (que obtiveram 6,7 por cento dos votos nas autárquicas) e pelo aumento da proporção de votos brancos e nulos (que atingiu os 6,8 por cento nas últimas eleições).

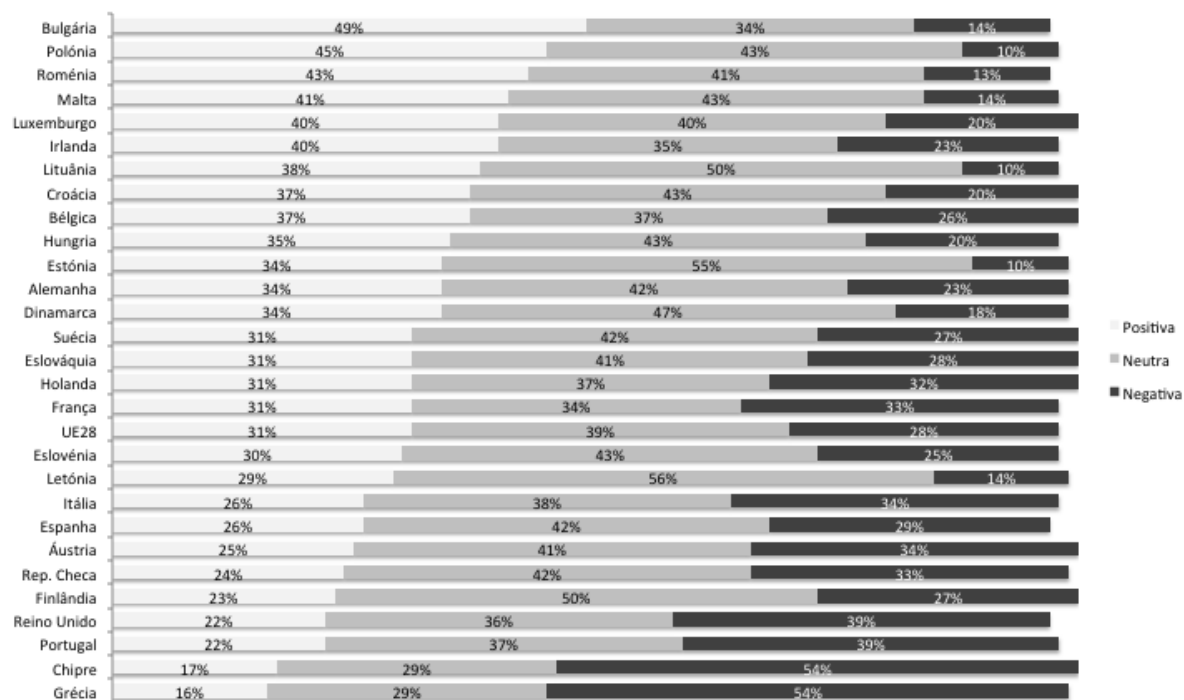
No dia 13 de novembro, ainda durante o trabalho de campo deste Eurobarómetro, foi aprovado o Orçamento de Estado para 2014. Este Orçamento visa atingir as metas de consolidação orçamental decorrentes do Memorando de Entendimento, prevendo uma redução do défice orçamental para 4 por cento. Estima-se que o ano de 2014 – em que termina oficialmente o PAEF acordado no Memorando de Entendimento – seja também o mais intenso em termos de esforço de consolidação orçamental, com as medidas de austeridade a visarem uma redução na despesa pública de aproximadamente 3.9 mil milhões de euros. Em termos económicos, o período que antecede este trabalho de campo é marcado por uma redução na taxa de desemprego (que passou de 17,6 por cento em fevereiro para 15,5 por cento em novembro) e por uma evolução positiva do PIB nos segundo e terceiro trimestres de 2013, que inverteu o padrão de queda do PIB dos dez trimestres anteriores.

Ao nível internacional, é de destacar o debate em torno da modalidade de saída da Irlanda do seu Programa de Ajustamento Económico e Financeiro. Durante o período de trabalho de campo deste estudo, no dia 14 de novembro, o governo irlandês anunciou que não iria recorrer a apoio externo adicional após a conclusão, em dezembro de 2013, do programa iniciado em 2010. Este debate foi seguido com interesse em Portugal, dado que o fim do PAEF no nosso país está previsto para maio de 2014.

## 2. Os portugueses e a integração europeia

Nesta secção, analisamos a avaliação que os portugueses fazem do processo de integração europeia no outono de 2013. O gráfico 2.1 apresenta a imagem suscitada pela União Europeia nos cidadãos dos 28 Estados-membros.

**Gráfico 2.1 – Imagem da União Europeia**



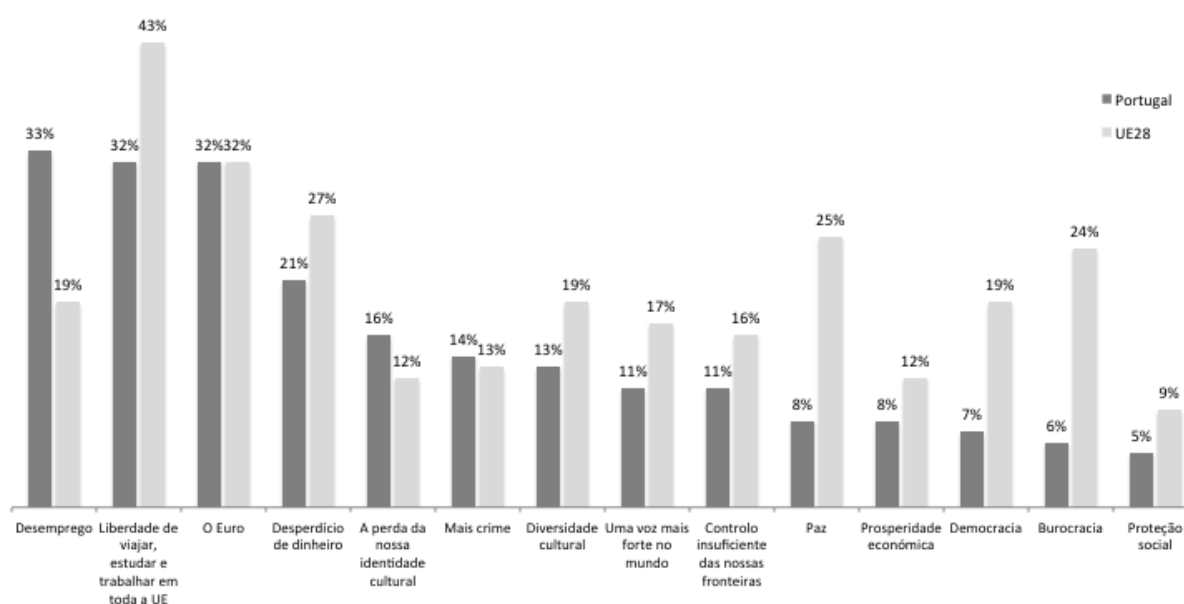
**Os portugueses apresentam uma imagem sobretudo negativa da União Europeia no outono de 2013.** A proporção dos inquiridos nacionais cuja imagem da UE é negativa excede a dos seus congéneres com uma imagem positiva em 17 pontos percentuais, sendo esta a terceira maior diferença percentual nos 28 Estados-membros. Uma avaliação mais negativa parece estar associada ao contexto de recurso a ajuda financeira externa: dos quatro países onde as avaliações da imagem da UE são mais negativas, três – Grécia, Chipre e Portugal – são alvo de Programas de Ajustamento Económico e Financeiro.

Outra forma de averiguar a relação entre a imagem da UE e a ajuda externa prende-se com o *timing* da deterioração da primeira. **Há um declínio acentuado da imagem da UE após o início do Programa de Ajustamento Económico e Financeiro no nosso país.** No outono de 2010, a imagem que os portugueses tinham da UE era mais positiva que negativa, bem como mais positiva que a dos seus congéneres europeus. **Desde então, a proporção dos portugueses que veem a UE de forma positiva diminuiu consideravelmente (de 40 por cento em 2010 para 22 por cento em 2013), enquanto que a proporção dos que têm uma imagem negativa duplicou (19 por cento em 2010, 39 por cento em 2013).** Neste período, também é observável no conjunto dos Estados-membros um declínio na imagem da UE, ainda que de forma menos acentuada (queda de 7 pontos percentuais na proporção de cidadãos europeus com uma imagem positiva e aumento de 8 pontos percentuais na proporção de inquiridos que têm uma imagem negativa da UE). **Para além disso, quando inquiridos sobre se a UE é responsável pela austeridade no continente europeu, 70 por cento dos portugueses respondem afirmativamente,** contra uma média europeia de 63 por cento.

Entre os grupos sócio-demográficos portugueses que têm uma imagem mais negativa da UE, sobressaem os reformados (47 por cento), os desempregados (46 por cento) e os indivíduos menos escolarizados (45 por cento). Na medida em que estes grupos são porventura mais vulneráveis a medidas de austeridade (como a redução de pensões ou de apoios sociais), a desagregação sócio-demográfica é consistente com a interpretação do declínio da imagem da UE como sendo resultado do contexto de ajuda externa a que o país está sujeito desde 2011.

Os dados acima apresentados sugerem uma avaliação instrumental da UE por parte dos portugueses, que no outono de 2013 é influenciada negativamente pelo contexto de crise económica e ajuda externa. Esta conclusão é reforçada pela análise das representações da UE no nosso país (gráfico 2.2).

**Gráfico 2.2 – Representações da União Europeia**  
(percentagem de inquiridos que mencionaram cada representação; várias referências possíveis)

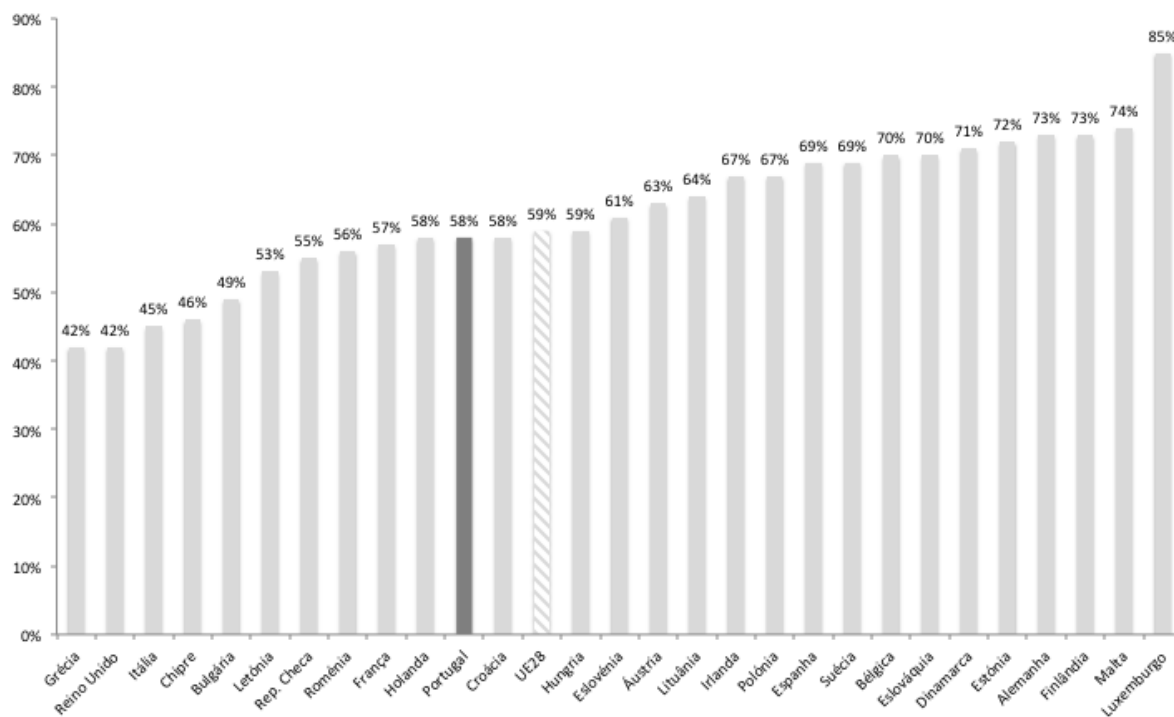


**Em Portugal, a União Europeia é associada sobretudo ao desemprego (33 por cento),** sendo esta uma representação substancialmente mais comum no nosso país do que no conjunto dos Estados-membros (19 por cento). De destacar também os 32 por cento dos portugueses que associam a UE à liberdade de viajar, estudar e trabalhar no espaço europeu, uma dimensão que poderá ter ganho saliência com o aumento da emigração portuguesa nos últimos dois anos. A mesma proporção associa a UE à moeda única, tal como na média europeia. Contudo, **apenas 7 por cento dos portugueses associam a UE a prosperidade económica, menos de metade da média europeia (19 por cento).**

Tendo em conta estes resultados, é sem surpresa que constatamos que **a maioria (52 por cento) dos portugueses considera que a situação na UE está a caminhar na direção errada, e que apenas 17 por cento dos cidadãos nacionais pensam que a UE está a seguir um rumo correto.** Os europeus em geral também tendem a avaliar o rumo da UE de forma mais negativa que positiva, mas os valores médios na Europa são menos críticos: 26 por cento dos inquiridos consideram que a UE está na direção certa, contra 47 por cento que consideram que a mesma está a seguir um caminho errado.

Contudo, se é verdade que atualmente a UE tem uma imagem negativa no nosso país, os dados deste Eurobarómetro sugerem que os portugueses mantêm uma ligação identitária com o projeto europeu. O gráfico 2.3 apresenta os resultados relativos ao sentimento de cidadania europeia dos portugueses em perspetiva comparada.

**Gráfico 2.3 – Sentimento de cidadania europeia**  
(percentagem de inquiridos que se consideram cidadãos europeus)

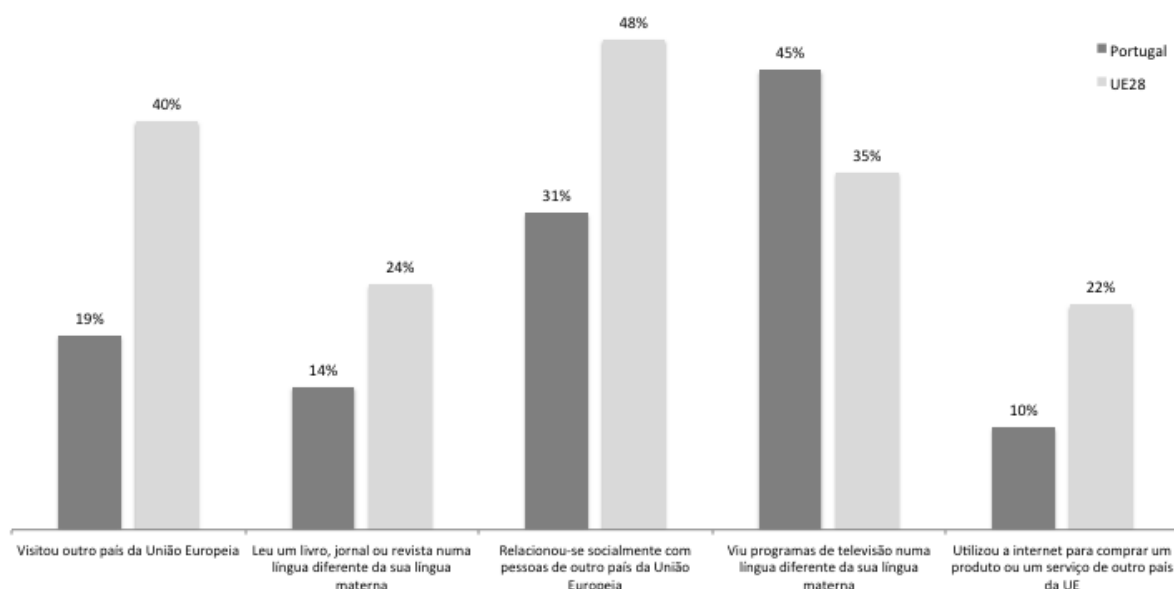


Como o gráfico 2.3 ilustra, **58 por cento dos portugueses consideram-se cidadãos europeus, uma proporção que é praticamente idêntica à média europeia (59 por cento)**. De igual modo, este valor é idêntico ou superior ao de alguns países fundadores da União Europeia, como a Itália, a França e a Holanda, onde se poderia esperar que o maior tempo de socialização no seio do projeto europeu tivesse gerado um sentimento de cidadania europeia mais alargado entre a população. Para além disso, o padrão identificado em Portugal difere dos resultados da análise dos dados recolhidos junto dos cidadãos gregos e cipriotas: enquanto que na questão da imagem da UE estes países – todos eles objeto de Programas de Ajustamento Económico e Financeiro - apresentam valores muito semelhantes, o sentimento de cidadania europeia é substancialmente mais forte em Portugal do que na Grécia e no Chipre.

A desagregação sócio-demográfica permite constatar que, em Portugal, o **sentimento de cidadania europeia é particularmente intenso entre os estudantes (82 por cento), os mais jovens (80 por cento nos cidadãos com idades entre 15 e 24 anos), e mais escolarizados (77 por cento), bem como entre os quadros (75 por cento) e os residentes em grandes centros urbanos (68 por cento)**.

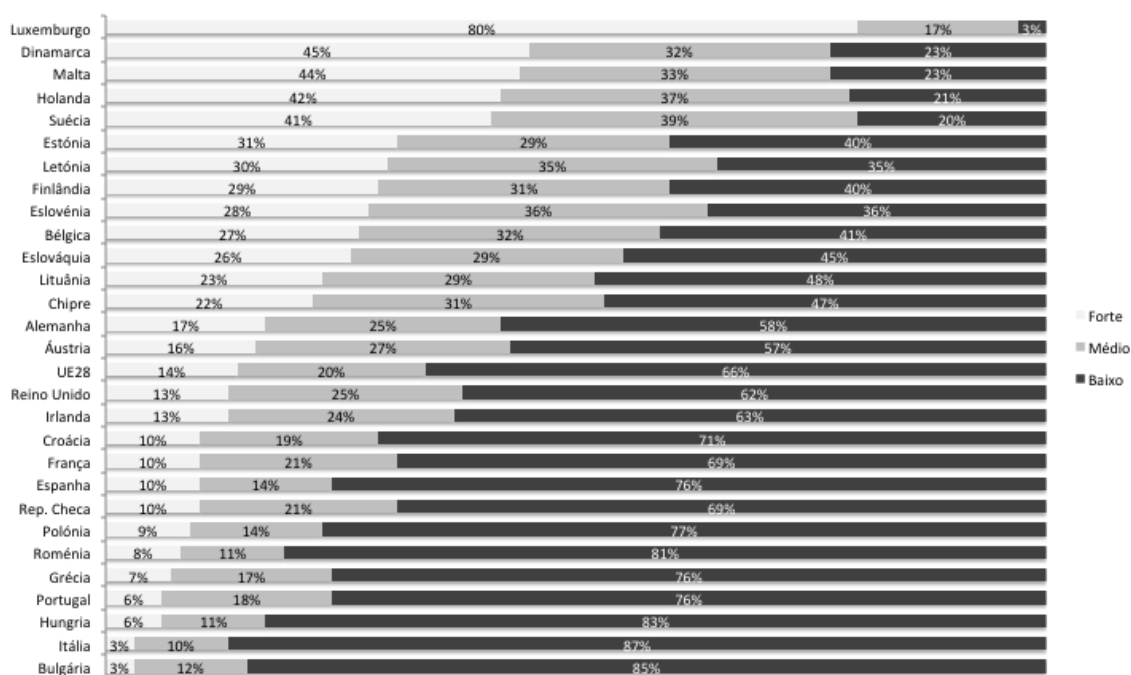
Ao mesmo tempo, importa relembrar a análise efectuada no Relatório Nacional Eurobarómetro 78 (outono de 2012), que aprofundou a questão da cidadania europeia em Portugal, tendo identificado que este sentimento de cidadania não é acompanhado pelo conhecimento e uso dos direitos associados à cidadania europeia. De igual modo, os portugueses apresentam níveis comparativamente baixos de interação com outros países europeus no outono de 2013, como se pode ver no gráfico 2.4.

Gráfico 2.4 – Interação com outros países europeus nos últimos 12 meses



Em linhas gerais, os portugueses **interagem comparativamente pouco com o resto da Europa, sendo este padrão particularmente evidente no que diz respeito a visitas a outros países europeus** (19 por cento dos portugueses visitaram outro país da UE no último ano, menos de metade da média europeia de 40 por cento) **e na compra de bens e serviços de outros países através da Internet** (10 por cento dos portugueses fizeram tais compras no último ano, menos de metade da média europeia de 22 por cento). Com base nestes dados, o Eurobarómetro estimou um índice de abertura aos outros países, no qual os portugueses apresentam níveis comparativamente muito baixos (gráfico 2.5).

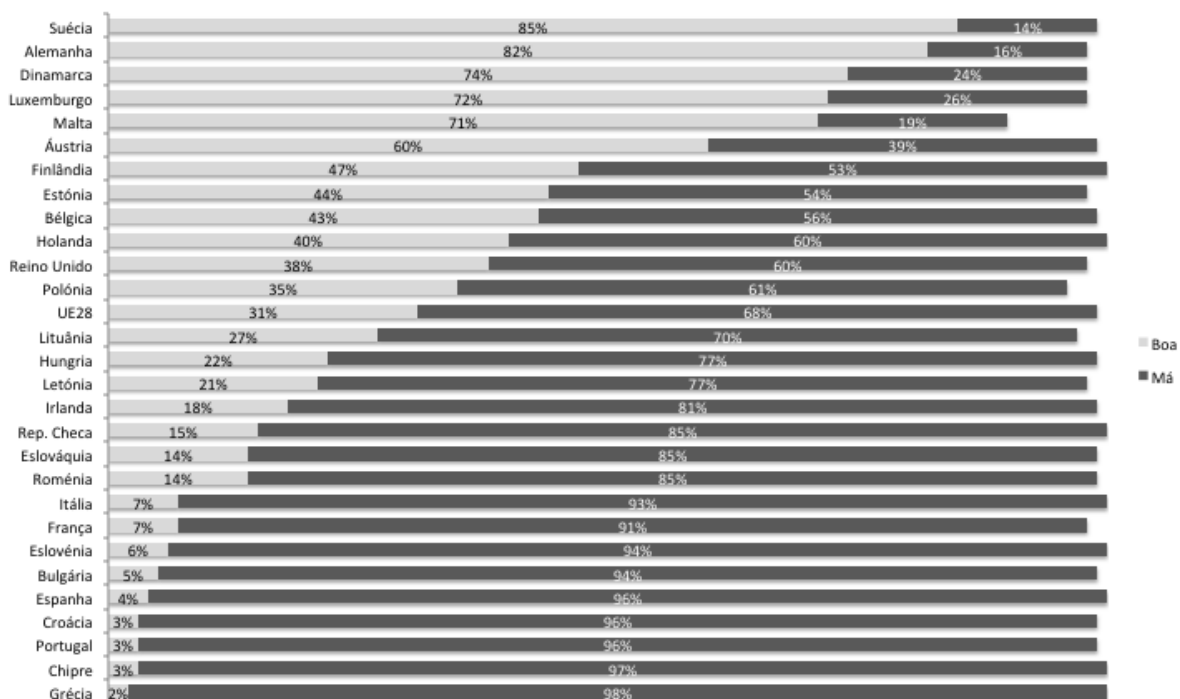
Gráfico 2.5 – Índice de abertura aos outros países



### 3. Portugal: o atual clima da opinião pública

No gráfico 3.1, apresentamos a avaliação que os portugueses fazem da situação atual da economia do país.

**Gráfico 3.1 – Avaliação da situação atual da economia nacional**



**Os portugueses fazem uma avaliação extremamente negativa da situação da economia nacional – apenas 3 por cento dos inquiridos consideram que a economia está bem ou muito bem.** Este padrão, pouco mais positivo do que o da Grécia (diferença de um ponto percentual) e igual ao do Chipre e da Croácia, faz com que Portugal esteja substancialmente abaixo da média do conjunto dos Estados-membros, onde 31 por cento dos inquiridos avaliam positivamente o estado da sua economia nacional. Apesar do crescimento económico registado nos segundo e terceiro trimestres de 2013, a avaliação que os portugueses fazem da situação económica não se alterou muito no último semestre, com a proporção de avaliações positivas a cair um ponto percentual entre a primavera e o outono de 2013.

**O mesmo padrão emerge no que diz respeito à situação do emprego em Portugal. Mais uma vez, apenas 3 por cento dos inquiridos avaliam positivamente a situação do emprego, contra uma média europeia de 20 por cento.** O decréscimo nas taxas oficiais de desemprego que tem vindo a tomar lugar desde fevereiro de 2013 parece não ter tido impacto nas opiniões da população a respeito deste tema: de facto, a avaliação da situação do emprego no nosso país não se alterou substancialmente no último semestre (aumento de apenas um ponto percentual na proporção de inquiridos cujas avaliações são positivas entre a primavera e o outono de 2013).

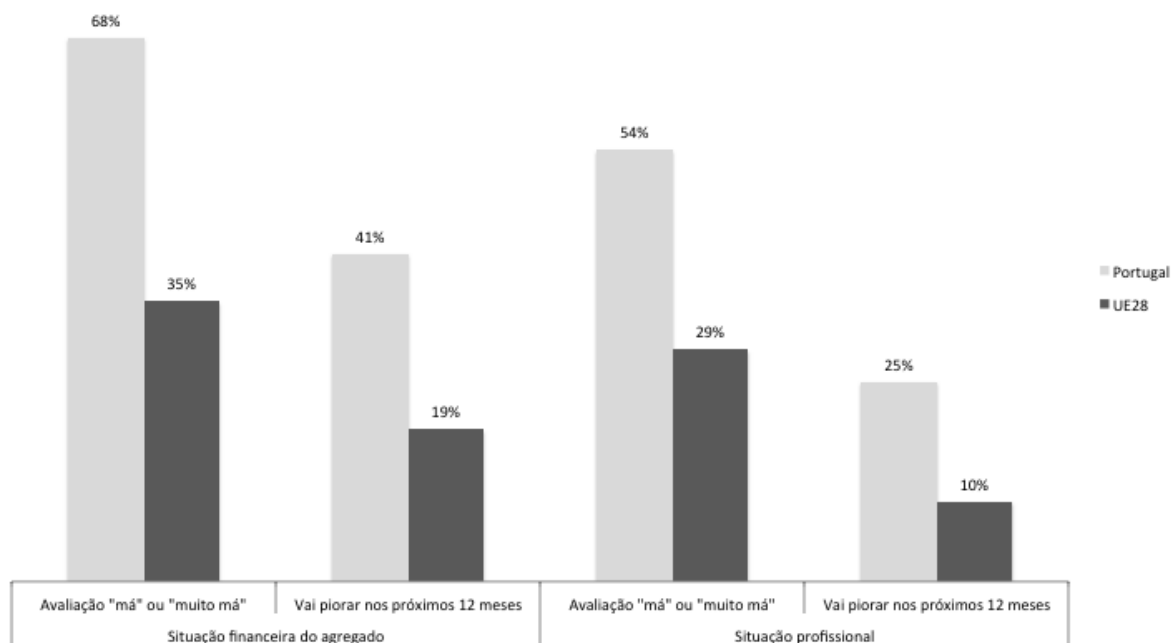
De igual modo, **os portugueses apresentam uma perspetiva muito negativa sobre a evolução da economia portuguesa nos próximos 12 meses. A maioria dos inquiridos (57 por cento) considera que a situação da economia nacional irá piorar no próximo ano. Esta proporção é a terceira mais alta dos 28 Estados-membros (excedida apenas na Grécia e em Chipre), e situa-se substancialmente acima da média europeia (30 por cento). Este pessimismo mantém-se nas expectativas quanto ao mercado de trabalho no próximo ano, visto que 61 por cento dos inquiridos nacionais acham que a situação do emprego no país irá piorar.** Trata-se



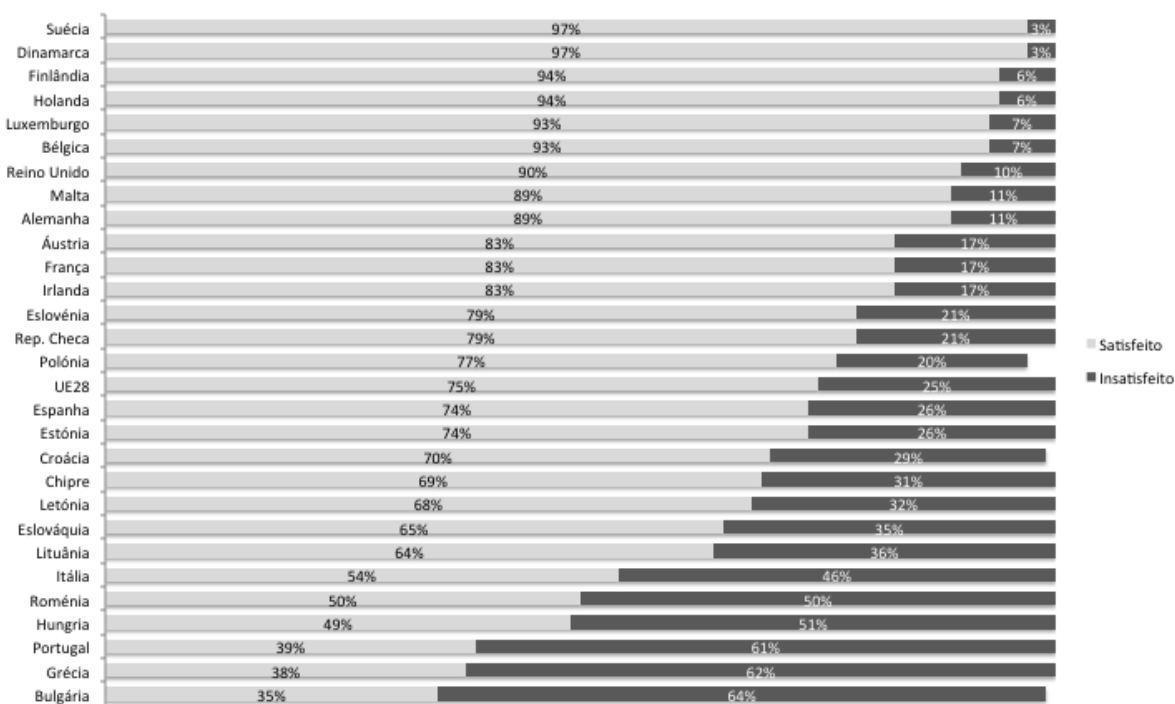
de um valor substancialmente acima da média europeia (35 por cento) e, mais uma vez, apenas superado pela Grécia e pelo Chipre.

Este pessimismo relativamente aos indicadores económicos nacionais também encontra correspondência na avaliação e nas expectativas dos inquiridos relativamente à sua situação financeira e profissional (gráfico 3.2), bem como em relação à satisfação com a sua vida em geral (gráfico 3.3).

**Gráfico 3.2 – Avaliação e expectativas sobre a situação financeira e profissional**



**Gráfico 3.3 – Satisfação com a vida em geral**



**Mais de dois terços dos inquiridos em Portugal avaliam a situação financeira do seu agregado familiar como sendo má ou muito má – praticamente o dobro da média europeia.** Esta proporção é a terceira mais alta da UE, sendo superada apenas na Grécia (71 por cento) e na Bulgária (69 por cento). As expectativas dos portugueses relativamente à evolução da situação financeira do seu agregado familiar nos próximos 12 meses também estão longe de ser otimistas. De facto, somente 11 por cento dos inquiridos acreditam que a situação financeira da sua família irá melhorar no próximo ano, enquanto que 41 por cento acham que a mesma irá piorar. **Só o Chipre apresenta um grau de otimismo inferior ao de Portugal no que diz respeito às expectativas sobre a situação financeira familiar no próximo ano.**

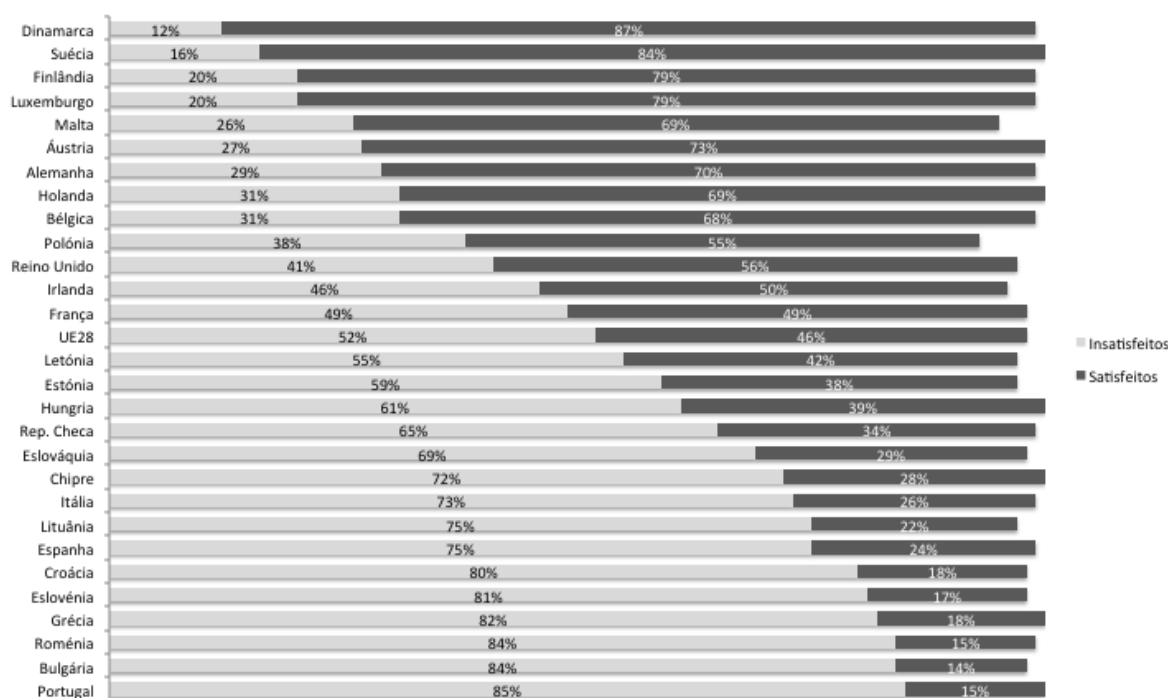
A maioria dos portugueses também avalia negativamente a sua situação profissional. A proporção de avaliações negativas em Portugal (54 por cento) é a terceira mais alta da UE, sendo muito similar à verificada na Bulgária (55 por cento) e na Grécia (56 por cento). Um em cada quatro portugueses considera também que esta situação irá piorar ao longo do próximo ano – um grau de pessimismo que é apenas superado pelos gregos (30 por cento) e cipriotas (27 por cento).

Com efeito, este Eurobarómetro revela a grande incerteza que a esmagadora dos portugueses enfrenta. **Dois terços dos portugueses afirmam que a sua situação atual não lhes permite fazer planos para o futuro, sendo apenas possível viver o dia-a-dia. Esta proporção é a mais alta entre os 28 Estados-membros da UE,** situando-se 30 pontos percentuais acima da média europeia. Apenas 21 por cento dos portugueses afirmam saber o que estarão a fazer nos próximos seis meses – a mais baixa proporção na UE – e somente 11 por cento conseguem imaginar como será a sua vida nos próximos anos.

Estes resultados talvez possam ajudar a explicar **os baixos níveis de satisfação com a vida verificados em Portugal neste outono de 2013. Os portugueses constituem o terceiro grupo nacional menos satisfeito na UE,** com apenas 39 por cento a declarar-se muito satisfeitos ou satisfeitos com a sua vida em geral, contra uma média de 75 por cento ao nível europeu.

Em termos políticos, e como é possível observar no gráfico 3.4, os portugueses estão muito insatisfeitos com o funcionamento da democracia no seu país.

**Gráfico 3.4 – Insatisfação com o funcionamento da democracia nacional**

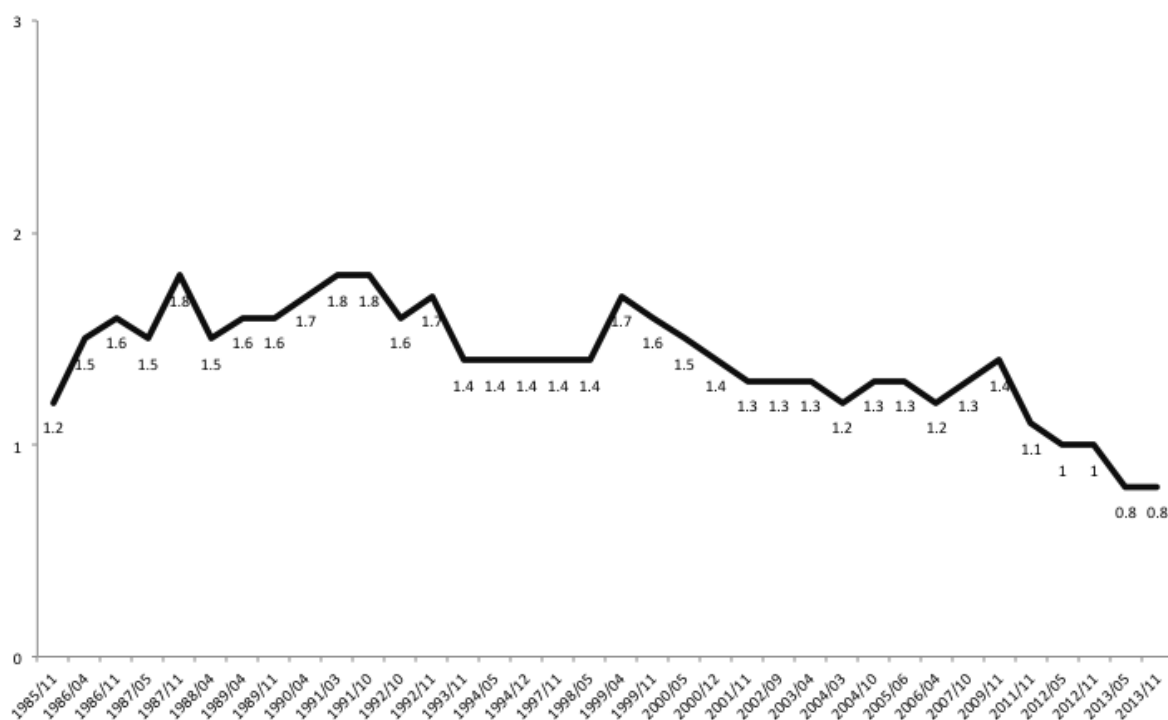


Com efeito, **Portugal é o país da UE que tem o mais alto nível de insatisfação com o funcionamento da sua democracia nacional**, com 85 por cento dos inquiridos a declararem-se insatisfeitos, um valor substancialmente acima da média europeia (52 por cento). Esta insatisfação é transversal à sociedade portuguesa, visto que os níveis de insatisfação são superiores aos 75 por cento em praticamente todos os grupos sócio-demográficos analisados. As únicas exceções a este padrão são os quadros superiores (69 por cento de insatisfeitos) e os inquiridos que se classificam como pertencendo a uma classe social alta (29 por cento de insatisfeitos).

Esta insatisfação é muito elevada não só em termos comparativos como também em termos longitudinais. Com efeito, **os resultados deste Eurobarómetro marcam o ponto mais baixo da satisfação com a democracia em Portugal desde que os Eurobarómetros começaram a ser realizados no nosso país**, superando o anterior mínimo histórico verificado na primavera de 2013. O gráfico 3.4 apresenta a evolução da satisfação com a democracia desde 1985. Os dados são apresentados numa escala de 0 a 3, em que 0 indica satisfação nula e 3 satisfação máxima. A partir da primavera de 2013, o índice de satisfação com a democracia apresenta, pela primeira vez, valores inferiores a 1, situando-se em 0,83 no Eurobarómetro 79 e em 0,8 neste Eurobarómetro. Os resultados obtidos neste outono de 2013 confirmam assim os baixos níveis de satisfação evidenciados no anterior Eurobarómetro. Como o gráfico 3.5 também ilustra, há uma queda substancial da satisfação com a democracia a partir da viragem para o novo milénio, que se acentuou nos três primeiros anos da década de 2010.

**Gráfico 3.5 – Satisfação com a democracia, 1985-2013**

(escala de 0 [nada satisfeito] a 3 [muito satisfeito])



#### 4. Conclusão

Os resultados deste Eurobarómetro dificilmente podem ser dissociados do contexto de crise que o país enfrenta. No caso da avaliação da União Europeia, os resultados mostram que os portugueses têm uma imagem muito negativa da UE, associando-a sobretudo ao desemprego. Para além disso, a maioria dos inquiridos nacionais considera que a União Europeia é responsável pela austeridade no continente europeu. Em termos sócio-demográficos, esta imagem negativa da UE é particularmente consensual nos grupos potencialmente mais afetados pelo contexto de austeridade e crise, como é o caso dos cidadãos reformados, desempregados ou menos escolarizados. Uma análise longitudinal revela que houve uma alteração substancial da imagem da UE em Portugal desde a entrada em vigor do Programa de Ajustamento Económico e Financeiro, com a proporção dos portugueses que têm uma imagem negativa da UE a duplicar entre o outono de 2010 e o outono de 2013. Contudo, e apesar deste contexto, os portugueses mantêm uma ligação identitária com a União Europeia, já que a maioria dos inquiridos nacionais expressa um sentimento de cidadania europeia. Este resultado é ainda mais notável se tivermos em conta a comparativamente baixa exposição e interação dos portugueses com o resto da Europa. Contudo, e como o anterior Relatório Nacional Eurobarómetro 78 identificou, este sentimento pode não corresponder a um conhecimento e uso efetivo dos direitos e deveres da cidadania europeia.

O contexto de crise marca também as opiniões e atitudes dos portugueses relativamente à situação nacional. Assim, praticamente todos os inquiridos avaliam negativamente a situação económica e do emprego em Portugal, de uma forma substancialmente mais vincada do que na generalidade dos Estados-membros. O nosso país situa-se, de facto, entre os três Estados-membros que menos positivamente avaliam a situação nacional nestes dois indicadores. De igual modo, a maioria dos inquiridos em Portugal avalia negativamente a sua situação profissional e a situação financeira do seu agregado familiar, bem com a sua vida em geral. Mais uma vez, em todos estes indicadores, Portugal emerge entre os três países da UE cuja avaliação é mais negativa.

As expectativas dos portugueses para os próximos 12 meses são marcadamente pessimistas, quer no que diz respeito à situação coletiva do país, quer no que diz respeito à sua situação individual. Assim, a maioria dos portugueses pensa que a situação económica e em termos de emprego irá piorar no próximo ano; e uma elevada proporção considera que o mesmo irá acontecer à sua situação profissional pessoal e às condições financeiras do seu agregado familiar. Tal como na avaliação da situação atual, também aqui os portugueses emergem como substancialmente menos otimistas que os seus congéneres europeus, com Portugal a situar-se sempre entre os três países mais pessimistas da UE.

Em termos políticos, o panorama é porventura ainda mais pessimista. Com efeito, os portugueses são os cidadãos europeus que mais negativamente avaliam o funcionamento da sua democracia. Uma análise longitudinal revela que o grau de satisfação com a democracia atingiu os níveis mais baixos desde que os Eurobarómetros são realizados em Portugal. Os dados apontam para uma quebra na satisfação com a democracia a partir do início do novo milénio, que se acentuou nestes primeiros anos da década de 2010. O ano de 2013 é marcado por níveis sem precedentes de insatisfação com o funcionamento da democracia portuguesa.